



Pensar a cidade

Bruna Suptitz

contato@pensaracidade.com



Além da edição impressa, as notícias da coluna Pensar a Cidade são publicadas ao longo da semana no site do JC.

jornaldocomercio.com/colunas/pensar-a-cidade



Mudanças climáticas: a pergunta que deve ser feita

Aquecimento do planeta impactou a intensidade do fenômeno climático no Estado, e a fragilidade transformou o evento em tragédia

A pergunta que deve ser feita não é “isso foi provocado por mudança climática?”, e sim “como as mudanças climáticas alteraram a possibilidade e a intensidade desse tipo de fenômeno extremo?”. A máxima é da pesquisadora Friederike Otto, uma das responsáveis pela iniciativa “atribuição global do clima” (World Weather Attribution - WWA), colaboração internacional de cientistas para a análise de eventos climáticos. A lógica é entender o impacto que a mudança no clima tem sobre os fenômenos, pois não há mais margem para negar que está acontecendo.

Assim como em outros anos com registro de enchentes no Rio Grande do Sul, o período entre o inverno de 2023 e o outono de 2024 está sob influência do El Niño, fenômeno marcado pelas temperaturas mais altas e chuvas em excesso no sul do continente americano. Não se trata, portanto, de ignorá-lo, mas sim compreender a relação que tem com a mudança do clima. Pesquisadores do Brasil, do Reino Unido, da Suécia, dos Países Baixos e dos EUA participaram de estudo de atribuição

da WWA, divulgado na segunda, que apontou a maior probabilidade e “um aumento de intensidade de 6% a 9%” das chuvas que causaram enchentes no Estado entre o fim de abril e o mês de maio devido ao aquecimento global.

E um evento climático extremo, ao encontrar fragilidades sociais e humanas no caminho, se transforma em tragédia. Moradias em áreas de risco, falta de estruturas de proteção ou de manutenção das existentes, ausência de alertas adequados e de planos de recuperação são fatores que constituem o desastre. É o cenário gaúcho no momento. Até ontem, 172 mortes estavam confirmadas pela Defesa Civil, 476 municípios registraram danos e mais de 2,5 milhões de pessoas foram afetadas de alguma maneira. O prejuízo para a biodiversidade é incalculável, com rios contaminados e a perda da mata, de plantações e de animais.

“Para minimizar perdas e danos, o mundo precisa estar mais bem preparado”, aponta artigo publicado em dezembro passado pela WWA com análise sobre as “condições meteorológicas extremas” de 2023 e projeção do cenário para 2024. Governos, iniciativa privada e sociedade devem, em conjunto, pactuar caminhos para a retomada da vida nas cidades e da relação do ser humano com a natureza que considere o novo normal climático.

Lutz e o alerta cinquentenário sobre as inundações

“As advertências sempre mais dramáticas da atureza de nada valem. Insistimos no consumo de nosso futuro”, diz o texto assinado em 1974 pelo ambientalista gaúcho José Lutzenberger. A enchente que atingiu parte do Rio Grande do Sul naquele ano (com maior intensidade em Santa Catarina) motivou a escrita do artigo “Inundações, suas causas e consequências”. Passados 50 anos, a imagem de Lutz estampa o edifício do Instituto de Previdência do Estado, em Porto Alegre, pintado pelo artista Kelvin Koubik. Do alto ele parece observar sua cidade natal arcar com as consequências do descaso com a natureza. O texto está disponível no site da Fundação Gaia.



GUSTAVO MANSUR/PALÁCIO PIRATINI/DIVULGAÇÃO JC

Imagem que marca



GLOBONWS/REPRODUÇÃO/JC

Cavalo Caramelo, resgatado no início de maio em Canoas, é o animal que simboliza para o RS a crise globalmente representada pelo urso polar

Por anos o aquecimento global foi entendido como uma realidade distante no espaço e no tempo. Quando o assunto vem à tona, a imagem que ilustra é muitas vezes a de um urso polar se equilibrando num resquíio de gelo enquanto o restante do habitat derrete no seu entorno. A cena é válida, mas o problema não é apenas esse.

O aquecimento global realmente provoca o derretimento das geleiras polares, prejudicando a manutenção da biodiversidade dessa parte do planeta e elevando o nível do mar – o que ameaça territórios insulares (ilhas) e áreas costeiras de todo o mundo. Mas pensar nisso remete a um cenário distante no espaço e no tempo, um futuro difícil de materializar.

Reflexo de um mundo com temperaturas mais altas, a mudança



KT MILLER/POLAR BEARS INTERNATIONAL/AFP/JC

nos padrões do clima a longo prazo mostra seus efeitos de formas até então não imaginadas, num futuro que chegou antes do esperado.

Na catástrofe que o Rio Grande do Sul enfrenta, muitas cenas marcam a tragédia. E um animal também aparece

como personagem: o “cavalo Caramelo”. Equilibrado no telhado de uma casa cercada por água e lama da enchente na cidade de Canoas, o cavalo já se tornou símbolo de que a crise climática, que é global, tem consequências – e aparência – locais.

Anos mais quentes

Em 2015 o mundo registrou pela primeira vez temperatura média 1°C acima do nível pré-industrial. Em 2023, 1,45°C, muito próximo do 1,5°C estabelecido pelo Acordo de Paris como limite a ser atingido até o fim do século.

Quando se fala de aumento da temperatura, a referência é a média até o período pré-industrial (para a ONU, entre 1850 e 1900). A partir de então, aumentou a emissão de gases poluentes na atmosfera devido ao uso de combustíveis fósseis na indústria, nos transportes, por exemplo.

A concentração desses gases intensifica o efeito estufa, processo natural do planeta Terra para reter o calor necessário às condições de vida. O excesso de emissões provoca o aquecimento da atmosfera e dos oceanos.

Aumento médio da temperatura na superfície do planeta (em comparação ao nível pré-industrial 1850-1900)

2023	1,45 °C
2022	1,15 °C
2021	1,1 °C
2020	1,2 °C
2019	1,1 °C
2018	1 °C
2017	1,1 °C
2016	1,1 °C
2015	1 °C

FORNTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA COM BASE EM DADOS DA ORGANIZAÇÃO METEOROLÓGICA MUNDIAL (OMM) E DO INSTITUTO NACIONAL DE METEOROLOGIA (INMET)

A temperatura média mais alta impacta fenômenos climáticos, provocando mudanças nos padrões até então conhecidos. Ondas de calor extremo, secas prolongadas e inundações devastadoras são consequência disso.